

Eu me confesso

A. MAGALHÃES PINTO
Economista

magpinto@netcabo.pt
http://poliscópio.blogspot.com



Foi um espírito brilhante que me pôs a pensar. Tive a felicidade de assistir a uma – como lhe hei-de chamar? Lição? Conferência? Conversa amena? – digamos intervenção tendo por tema a retórica e o uso que dela é feito. Como quer que seja que eu lhe chame, a verdade é que foi mais de uma hora de encantamento, não apenas com o conteúdo do tema – interessante ainda mais para quem faz uso frequente da palavra como eu – mas também com a forma de o apresentar. Dinâmico. Por vezes profundo. A brincar, muitas vezes. Recordei, ao ouvi-lo. O meu primeiro professor de Português, depois da Primária, aí pelos meus treze anos. O primeiro livro que nos meteu na mão tinha o título de Aprender a Brincar. Tendo o cuidado de explicar que o fim do livro não era ensinar brincadeiras, mas sim ensinar, brincando. Precioso, esse livro. Todo escrito em quadras de boa qualidade, desfazia quase todas as dúvidas de grafia que pudéssemos ter. Depois de lido, só dava mesmo erros ortográficos quem não tivesse lido o livro com atenção. Pois bem, a intervenção do Professor Doutor Américo de Sousa, a que tive a felicidade de assistir, deixou-me a pensar sobre mim mesmo.

Numa das partes mais, dizia o Professor que, quando sucede reconhecermos ter sido levados na conversa de alguém, como popularmente se diz, todos se viram para o enganador, cobrindo-lhe o nome dos mais variados epítetos.

Todavia, ninguém fala na responsabilidade do enganado. Como se cada um de nós não soubesse pensar pela sua própria cabeça e estivessemos, assim, indefesos perante os bem-falantes. Ora, não é assim. E não é assim porque, tendo todos nós uma cabeça para pensar, somos responsáveis pelos enganados nos quais somos levados. Isto é particularmente verdade quando estamos

perante o fenómeno político. Os políticos – dizemos nas nossas conversas mais caladas – são uns trapaceiros. Falam, prometem mundos e fundos, enquanto precisam de nós para chegar ao Poder, para logo a seguir esquecerem as promessas, revirarem tudo quanto nos disseram e fazerem o que lhes muito bem apraz. E, quando lhes chamamos nomes, esquecemos que grande parte da responsabilidade do engano a todos nós pertence. Diz o nosso Povo que na primeira quem quer cai, na segunda só cai quem quer e na terceira já ninguém cai. Basta olhar a nossa história recente para ver que o ditado nem sempre tem aplicação.

Estava eu a ouvir isto e a pensar que eu sou, de há vinte anos a esta parte, um dos que fala muito, por obra e graça do Director deste nosso jornal. E que, como eu, há por aí milhares de palradores. Fazendo uso, sem saber e muito por intuição, da eloquência que Deus lhe deu. Mas será — pensei eu com os meus botões — que eu sigo as regras da Retórica (assim, com letra grande, porque também há a retórica, com letra pequenina), e procuro fazer com que o meu discurso, este aqui, semanal, não

seja apenas bonito na forma, mas seja verdadeiro na articulação dos raciocínios? A questão vinha mesmo a calhar. Quem aqui me lê, recorda que, há duas ou três semanas, coligi aqui as frases públicas que me impressionaram durante o último mês de Maio, comentadas com o que eu queria fosse, de algum modo, bem humorado e, por isso, crítico. A propósito dessa croniqueta, recebi variados e-mails, alguns delirando com o que eu tinha escrito e outros nem por isso. Outros não. Outro. Porque só recebi um e-mail descontente.

Porque, dizia o meu Prezado Leitor respectivo, cerca de dois terços das frases que eu tinha coligido tinham que ver com o

Governo. Ou eram frases de membros do Governo ou a propósito de membros do Governo. O que, concluía o meu Leitor, podia conduzir a que eu fosse considerado faccioso, o que não era agradável para mim. Para além dessa preocupação, que me foi grata e que agradeço, a missiva do meu Leitor deixou-me preocupado. Será que eu fazia um esforço, na minha retórica, por atingir a verdade, por denunciar a verdade, para usar a verdade? A oração do Professor Doutor Américo de Sousa acrescentou a preocupação. E forçou-me ao raciocínio.

Afinal, quais são os suportes do meu pensamento, questão apenas importante por duas razões:

- primeiro, porque eu sou um dos felizardos que podem exprimir publicamente a sua opinião e vê-la plasmada num grande órgão de comunicação, para análise – e influência? – dos outros;

- depois, porque eu não posso desconhecer que, no actual estádio de desenvolvimento cultural do país, há muita gente que se deixa influenciar por uma retórica falsa e passa a agir em função disso.

Devo dizer que não cheguei longe no meu raciocínio, quase dando razão ao especialista em psicologia que diz que a introspecção não é possível, devido à coincidência do observador e do observado. Claro que sei estar a milhas do que, por exemplo, ainda agora se viu com o futebol, com grande parte da comunicação social, especialmente a especializada, a colocar a selecção portuguesa nos píncaros, para vender jornais e, depois, a fazer tudo quanto podia para ver se descobria “podres” na selecção para vender ainda mais exemplares. Claro que também encontrava uma boa explicação para a chamada de atenção daquele meu Leitor. Se, todos os dias, mais de dois terços do que os órgãos informativos publicam de relevante

ou é sobre o Governo ou tem a ver com o Governo, a colecção das minhas frases não fazia mais do que seguir a tendência. Mas, por outro lado, havia algo que eu não podia deixar de reconhecer. É que o que penso e escrevo sobre a realidade que nos cerca está, seguramente, influenciado por aquilo que sou, pela escala de valores em que acredito, pela estruturação da minha personalidade já demasiado avançada para ser moldável.

E mais, não é independente porque eu quero, na modéstia da minha capacidade, influenciar a realidade. Isto é, aquilo que digo não é, de modo nenhum, independente.

Com esta pequena mitigação: é que, tal como eu, ninguém é independente, verdadeiramente independente, totalmente independente. Um exemplo. Se eu tenho à cabeça da

minha escala de valores a família tradicional, como posso encontrar justificação para uma lei que consagre o casamento entre indivíduos do mesmo sexo? Posso aceitá-la, posso mesmo compreendê-la. Mas serei de opinião que não deve ser publicada.

Mas, se isto é assim, então ganha ainda mais relevo a nota do Professor Américo Sousa, sobre a responsabilidade de quem ouve, a par da responsabilidade de quem diz. Se nenhum interventor na praça pública é verdadeira e totalmente independente, creio mesmo poder dizer-se que a responsabilidade maior pertence a quem ouve. Isto é, quem ouve (ou lê, o que dá no mesmo) deve ser profundamente crítico de tudo aquilo que ouve.

E, para dificultar ainda mais esta relação entre opinador/Leitor, fica esta questão mais: será que o Leitor é independente o suficiente para sujeitar o que lê a uma análise crítica? Ou reage impulsivamente, em função dos seus padrões, ao que lê, ora aderindo com entusiasmo, ora rejeitando. Não é nada fácil ser crítico, activo ou passivo que seja.

Aquilo que digo não é, de modo nenhum, independente. Mas, tal como eu, ninguém é independente, verdadeiramente independente, totalmente independente.

Mas será que eu sigo as regras da Retórica e procuro fazer com que o meu discurso, este aqui, semanal, não seja apenas bonito na forma, mas seja verdadeiro na articulação dos raciocínios?



AZUIL BARROS

Especialista no Crescimento de Negócios
Partner & Director Geral da Quantum Portugal

www.QuantumCrescimentoNegocios.com

A paixão com que desenvolve o seu negócio influencia o seu sucesso...

O sucesso dos seus esforços depende muito mais dos motivos que os originam do que do próprio esforço, em si mesmo.

As grandes empresas e, por conseguinte, os

Toda a motivação duradoura e consistente terá de vir de si, enquanto indivíduo e empresário.

É por isso que a sua dinâmica e energia são tão importantes para a performance da sua equipa.

grandes empresários e empresárias, nos mais variados campos, alcançaram a sua grandeza através do desejo de expressar aquilo que lhes vai no seu íntimo e do desejo de enfrentar os desafios recorrendo às suas melhores capacidades. Com isto, não se quer dizer que estes empresários não ganharam uma enorme riqueza e prestígio com aquilo que produziram. Contudo, a chave para o seu sucesso residiu mais na motivação, consubstanciada numa obsessão em se tornarem magníficos, do que na procura do lucro.

Toda a motivação duradoura e consistente terá de vir de si, enquanto indivíduo e empresário. É por isso que a sua dinâmica e energia são tão importantes para a performance da sua equipa. A sua força interior e a sua visão pessoal propaga-se para toda a sua empresa.

A excelência e a mestria não resultam do comissionamento ou do lucro. A sua obses-

são pela magnificência é um estado de espírito que possui, enquanto empresário, e reflecte a pessoa que quer ser e não o título ou a aparência que transmite no seu cartão de apresentação, não se consubstancia em diplomas ou prémios que tenha obtido.

A chave do seu sucesso reside na forma como vê o mundo. Veja-o de uma maneira particular e não como uma colecção de carimbos estampados no seu passaporte.

Essa unicidade é sua, tal como a sua impressão digital ou a sua caligrafia.

Coloque a si próprio a seguinte questão: “Se não fosse por dinheiro, tempo ou responsabilidade assumida para com a sua família, colaboradores e para com terceiros, como é que realmente gostaria que fosse o seu negócio?”

Responda a essa questão a partir de uma perspectiva individual, a sua. Evite respostas do tipo: “Ajudar a minha empresa, a família

A chave do seu sucesso reside na forma como vê o mundo. Veja-o de uma maneira particular e não como uma colecção de carimbos estampados no seu passaporte.

ou o país.”

Lanço-lhe o seguinte repto: autografe a sua carreira empresarial com a sua própria assinatura!

Construa o seu negócio com paixão empresarial e descobrirá a força que irradia de si...

Comece já e faça com que o ano de 2008 seja o MELHOR de sempre para Si.